

Orações Temporais Iniciadas por *quando*: uma comparação entre o português e o espanhol

Cristiany Fernandes da Silva – UnB

cristianyucb@yahoo.com.br

Heloisa Salles – UnB

heloisasalles@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho pretende analisar as orações temporais iniciadas por *quando* no português e no espanhol. Essas línguas apresentam diferenças no que se refere à escolha do tempo verbal na expressão de futuro em contexto de subordinação. O português utiliza o futuro do subjuntivo (cf. (1)), e o espanhol, o presente do subjuntivo (cf. (2)) na sentença temporal. O contraste entre o português e o espanhol se estende ao francês e ao italiano, que utilizam o futuro do indicativo, como está em (3) e (4):

- Português
1. Quando *puder*, sairei.
Futuro do subjuntivo + futuro do indicativo.
- Espanhol
2. Cuando *pueda*, saldré
Presente do subjuntivo + futuro do indicativo.
- Francês
3. Quand je *pourrai*, je sortirai.
Futuro do indicativo + futuro do indicativo
- Italiano
4. Quando *potrò*, uscirò.
Futuro do indicativo + futuro do indicativo

(Brito et al. 2010)

O problema de análise está no fato de as línguas apresentarem tempos verbais distintos apenas no tempo futuro. A construção de sentenças no presente e no passado, no que se refere aos tempos verbais, é idêntica nas quatro línguas:

- Português
5. a. Quando *posso*, saio.
b. Quando *pude*, saí.
- Espanhol
6. a. Cuando *puedo*, salgo.
b. Cuando *pude*, saí.
- Francês
7. a. Quand je *peux*, je sors.
b. Quand j'*ai pu*, je suis sorti.

- Italiano
8. a. Quando *posso*, esco.
b. Quando *potei*, uscii.

(Brito et al. 2010)

Em (5a), (6a), (7a) e (8a), ocorre o presente do indicativo e, em (5b), (6b), (7b) e (8b), o pretérito perfeito do indicativo. Mas há casos em que se mantém um mesmo tempo verbal, mas não o modo: *Se eu pudesse* (Pret. Imperf. Subj.), *saía* (Pret. Imperf. Ind.). Já a sentença *Se eu pudesse* (Pret. Imperf. Subj.), / *sairia* (Fut. Pret. Ind.), apesar de não guardar paralelismo de tempo, é igualmente legítima, pois a partícula *se*, o *pretérito imperfeito do subjuntivo* e o *futuro do pretérito do indicativo* estão licenciados, segundo supomos, por um traço *irrealis* em comum. O *irrealis* refere-se a uma situação apresentada como incerta, duvidosa, provável.

Este estudo tem por objetivo analisar o uso de tempo e modo verbais em línguas próximas, observando condições em que se distanciam. Adotamos a noção de microparâmetro, formulada no âmbito da teoria gerativa, na qual a variação em propriedades formais do sistema gramatical é analisada em termos da relação genética entre as línguas (cf. Kayne 2005).

Investigamos as razões para o favorecimento de tempos verbais distintos em cada língua. Nossa hipótese é a de que as línguas vão deixando de produzir certos tempos verbais, ou manifestam modos/ tempos distintos, ou ainda optam por mais de uma forma, como é o caso do uso do futuro morfológico ou do perifrástico no português, como em *lerei* e *vou ler*, mantendo-se, porém, consistente a relação entre os formativos flexionais e as categorias funcionais envolvidas. Consideramos, portanto, que essa variação é condicionada por propriedades semânticas e morfossintáticas das categorias envolvidas. Destacamos, nos dados em análise, a codificação do traço *irrealis*: o fato de no espanhol antigo ter existido o futuro do subjuntivo, que caiu em desuso na língua, o que indica a possibilidade de variação entre os modos indicativo/subjuntivo na perspectiva diacrônica, confirmando-se na abordagem translingüística. O referencial teórico se pauta nos pressupostos da Gramática Gerativa (Chomsky 1981-1998).

Este artigo está assim estruturado: na introdução destacamos o problema e a sua justificativa. Na seção seguinte, destacamos algumas características das sentenças introduzidas por *quando*. Depois destacamos a tipologia de *quando*. A seguir, discutimos a questão da variação entre os modos verbais no português e nas línguas românicas. Por fim, nossas análises preliminares e considerações finais.

2. Características das sentenças introduzidas por *quando*

As orações introduzidas por *quando* apresentam algumas características quanto à sua posição em relação à oração principal, podendo vir anteposta, posposta ou ainda intercalada. Quanto à interpretação da sentença, em alguns casos, isso se mostra relevante e em outros não. Em (9), a ordem parece não importar, pois as sentenças são interpretadas da mesma forma. Já em (10) e (11), com provérbios do espanhol, a inversão da ordem prejudica o entendimento da sentença, ou seja, essas são sentenças já fixas/ cristalizadas em relação à ordem. Quanto aos dados em (12), existe diferença de interpretação.

9. a. Quando chegou em casa, estava chovendo.
a'. Estava chovendo quando chegou em casa.
10. a. Cuando el sabio señala la luna, el necio se fija en el dedo.
a'. *?El necio se fija en el dedo cuando el sabio señala la luna.
11. b. Cuando el río suena, agua lleva.
b'. *?Agua lleva cuando el río suena.
12. a. Quando cheguei, a babá disse que as crianças foram dormir.
a'. A babá disse que, quando cheguei, as crianças foram dormir.

Lobo (2003) discutiu essa questão da posição da sentença temporal em alguns contextos os quais trazemos a seguir. Em (13), a oração temporal vem intercalada, anteposta e posposta. Segundo estudos, existe uma preferência pelo uso anteposto. Os dados da autora são do português de Portugal. Em (14) a oração temporal, quando posposta e estando no contexto de narração, resiste ao teste da aceitabilidade/gramaticalidade.

Intercalada, anteposta e posposta

13. a. O João, quando chegou a casa, ligou a televisão.
b. Quando a Ana chegou, o João ficou radiante.
c. O João ficou radiante quando a Ana chegou.

Narração

14. a. O João estava já a entrar para o comboio, quando subitamente se apercebeu de que não tinha trazido o bilhete.
b. ?*Quando subitamente se apercebeu de que não tinha trazido o bilhete, o João estava já a entrar no comboio.

(Lobo 2003)

Também existe a possibilidade de o sujeito pleno da adverbial temporal ser referencialmente dependente do sujeito pronominal da oração principal, por isso (15a) é gramatical e (15b), em que a referência não pode ser estabelecida, é agramatical. O dado em (16a), com a sentença temporal posposta, ilustra uma ambiguidade quanto à interpretação. Na anteposição, em (16b), a diferença na leitura desaparece, pois especifica o ponto exato do evento no tempo.

Dependência referencial

15. a. Quando o Zé_i entrou, [-]_i abriu a janela.
b. *[-]_i Abriu a janela quando o Zé_i entrou.

Impossibilidade de estabelecer dependências a longa distância

16. a. O Zé disse que o Pedro desmaiou quando chegou a casa. (ambígua)
b. Quando chegou a casa, o Zé disse que o Pedro desmaiou. (não ambígua)

(Lobo 2003)

Nas perguntas QU-, a anteposição ou a posposição pode prejudicar a aceitabilidade da resposta, conforme revelam os exemplos:

Resposta a pergunta QU-

17. Quando é que o Pedro desmaiou?
a. (O Pedro desmaiou) quando chegou a casa.
b. # Quando chegou a casa, o Pedro desmaiou.

18. O que aconteceu ao Pedro quando chegou a casa?
 a. (Quando chegou a casa, o Pedro) desmaiou.
 b. # O Pedro desmaiou quando chegou a casa.
19. O que aconteceu ao Pedro?
 a. ?Quando chegou a casa, (o Pedro) desmaiou.
 b. (O Pedro) desmaiou quando chegou a casa.

(Lobo 2003)

Nota-se que os dados examinados envolvem orações temporais iniciadas com ‘quando’, em que o verbo é flexionado no presente ou no pretérito perfeito – o que não gera variação translinguística, conforme observado na seção 1. Os mesmos resultados não são obtidos com orações temporais em que o verbo ocorre no futuro.

3. Tipologia das orações iniciadas por ‘quando’

Declerck (1997) apresenta um extenso e minucioso estudo sobre a tipologia das orações de *quando* para o inglês. O objetivo principal do autor é investigar sentenças que envolvem uma oração principal (*head clause* - HC) e uma oração de *quando* (*when-clause* - WC).¹ Além de oferecer uma discussão sobre o sistema de temporal usado nesse tipo de sentença, o autor afirma que existem diferentes tipos de OQs e diferentes estruturas temporais em que essas sentenças podem aparecer. Segundo ele, as OQs adverbiais normalmente não aparecem sendo usadas com o futuro ou o futuro perfeito se a situação referida na OP ocorre posteriormente ao momento da fala: usa-se o presente ou o presente perfeito (cf. (20)). Analogamente, OQs adverbiais não usam auxiliares *would* ou *would have* se a situação expressa na OP é posterior ao passado a que faz referência. Nesse caso, opta-se pelo pretérito ou pretérito perfeito (cf. (21)).

20. a. I will leave when they {arrive/*will arrive}.
 b. I will leave when they {have arrived/*will have arrived}.
21. a. I promised I would leave when they {arrived/*would arrive}.
 b. I promised I would leave when they {had arrived/*would have arrived}.

(Declerck 1997: 7)

Os exemplos em (20) e (21) acima, na segunda parte com a marcação do asterisco, tomam parte no sistema-NW (NW=*no will/would*), pois são agramaticais naqueles tempos verbais.² No entanto, OQs podem ocorrer com *will* (*have*) ou *would* (*have*) se essa mesma forma já ocorrer na OP (cf. (22)). Declerck enquadra essas sentenças no sistema *Will/Would* ou sistema-W.

22. a. I will ask him when we'll be able to relax.
 b. The spokesman promised he would soon reveal when the restructuring would be completed.

(Declerck 1997: 8-9)

¹ Usaremos as nomenclaturas OQ para oração de ‘quando’ e OP para oração principal.

² Declerck (1997: 8) distingue dois usos do presente com referência ao futuro. A forma *will begin* em (i) pertence ao sistema-W, enquanto *begins* em (ii) ao sistema-NW. Mas o mesmo não se pode dizer da forma *begins* em (iii). Nas palavras do autor, *in the latter sentence the present tense is used to represent the future situation as determined by present circumstances (the so-called ‘arranged future’ use).*

(i) The show will begin in ten minutes.

(ii) These lights will go out when the show {begins/*will begin}.

(iii) The show begins in ten minutes.

A seguir, apresentamos a tipologia das sentenças iniciadas por *quando*. Essa categorização do conectivo baseia-se, principalmente, nos contextos sintáticos em que pode aparecer e nas funções que pode assumir.

Advérbio interrogativo direto
23. Quando ele chegou de viagem?

Advérbio interrogativo indireto
24. Ele perguntou quando o acidente aconteceu.

Dependente da preposição
25. a. She has always been like that, from when she was a child.
b. Eso lo dejo para cuando sea mayor.

Pseudo-clivada
26. When he visited Emma was last week, not last night.

Canônicas
27. John will leave when I arrive.

Quando narrativo (and then)
28. I was sitting quietly in the kitchen when suddenly a stranger entered the room
(= *and then it suddenly happend that...*)

(Declerk 1997)

Quantificação universal
29. Quando a gente confia, a gente consegue.

(Bezerra e Meireles 2009)

Advérbio relativo
30. a. Ese fue el momento cuando te conocí.

(Torrego 2011: 347)

b. Este traje lo llevaba el día cuando se casó.

(Móia 2001 apud Brucart 1999: 508)

c. Those were the days when everybody had flowers in the air.

(Declerk 1997: 8)

Convém destacar, que existem contextos em que o conectivo *quando* pode ser substituído pelo conectivo condicional *se* (cf. (31)). Neves (2000: 791) esclarece que a correlação temporal presente com presente “caracteriza uma perspectiva global imperfeita de estados de coisas simultâneos (total ou parcial), o que licencia a indicação de uma habitualidade” e esse contexto favorece a interpretação condicional.³ No entanto, há sentenças com tempos verbais diferentes daqueles que aceitam a substituição no sentido, em que a sentença ainda é gramatical, mas aparentam ter leituras diversas. Em (32a), a leitura se aproxima de uma temporal canônica e em (32b) de uma leitura condicional. Em (33), ilustra-se o caso em que o verbo no passado barra o conectivo *se*, ou pelo menos não autoriza a mesma leitura:

Se/ Quando
31. *Si/ Cuando* puedo, salgo.

(Brito et al. 2010: 209)

32. a. João sairá *quando* eu chegar.
b. João sairá *se* eu chegar.

³ Trataremos mais adiante da correlação temporal.

33. a. *Quando* chegou em casa, estava chovendo.
 b. *?Se* chegou em casa, estava chovendo.

Essa categorização da tipologia das sentenças introduzidas por *quando* não se encerra aqui. Alguns autores⁴ e o próprio Declerck, apontam subclassificações. Seguimos a sugestão de agrupar os dados em classes maiores e igualmente representativas do comportamento desse conectivo.

Destaca-se, nessa tipologia, vários contrastes associados ao tempo do verbo na OQ, na relação com a OP. Destacamos, em particular, o contraste nos dados em (31)-(33), em que a alternância entre ‘quando’ e ‘se’ é excluída nos contextos em que o verbo é flexionado no passado e no futuro. Essa questão será retomada.

4. Variação entre modos e tempos verbais

Retomando os dados do português e do espanhol e a problematização observada em relação ao uso dos tempos verbais, verifica-se que a situação descrita na OQ envolve o uso do futuro do subjuntivo havendo paralelismo temporal em relação à OP. Quanto ao espanhol, que utiliza o presente do subjuntivo na OQ, verifica-se que esse tempo verbal mantém paralelismo em relação ao uso do futuro na OP. Conclui-se que, a QP pode ocorrer com o verbo no presente e no futuro, na articulação com a OP com o verbo no futuro.

Conforme mencionado, o espanhol antigo utiliza a forma do futuro do subjuntivo e esse uso se mantém somente como forma residual:

Na língua espanhola atual, o futuro do subjuntivo é considerado um arcaísmo gramatical que hoje em dia aparece apenas residualmente na linguagem jurídica, em alguma construção fixa do tipo “sea lo que fuere”, ou em estilos deliberadamente solenes ou arcaizantes. Por se tratar de um tempo verbal exclusivo de uma linguagem restrita, o futuro do subjuntivo do espanhol não é espontaneamente veiculado e a falta de contato, oral ou escrito, na linguagem cotidiana compromete o uso correto (Reis 2002).

A constatação da *flutuação* dos tempos/modos verbais não é um fenômeno isolado. No português, a forma simples do pretérito mais-que-perfeito *estudara* vem sendo substituída pela forma composta *tinha estudado*. O futuro também pode ser expresso por formas simples ou perifrásticas: *estudarei*, *vou estudar*, *vou estar estudando*, *estarei estudando* ou, ainda, por um presente, que digamos no contexto, tem carga semântica de futuro, como em *estudo mais tarde*. No espanhol, além do futuro do subjuntivo, o pretérito anterior também é um tempo verbal em desuso. Vamos dizer, então, que as línguas ‘deixam’ de produzir certos tempos verbais ou optam por mais de uma forma, sendo que essa variação não é aleatória, mas condicionada por valores semânticos e morfossintáticos das categorias envolvidas e está dentro de uma organização extremamente coesa.

Nossa hipótese de trabalho é que esse processo é parte da variação translinguística e, nos moldes da gramática gerativa, pode ser discutida em termos de

⁴ Conferir a referência bibliográfica.

propriedades paramétricas, que se manifestam na mudança linguística (cf. Roberts 2003).

Certamente essa questão da mudança paramétrica se estende a outros fenômenos das línguas e estamos demonstrando isso pelas orações de *quando*. Vamos supor que apesar de o padrão de fixação dos tempos verbais utilizados nas orações temporais com *quando* no tempo futuro apresentar distinções, isso pode ser explicado por fatores da própria língua e da operação dos traços que precisam estar envolvidos para que as sentenças sejam legitimadas. Anteriormente havíamos citado a presença de um traço *irrealis* operando/ licenciando as sentenças.

Segundo Reis (2008), dentre as línguas que tem origem no latim, o futuro do subjuntivo subiste apenas no português – embora haja seu registro em alguns dialetos italianos, no espanhol arcaico, no leonês ducentista, no mirandês e no galego (Oliveira 2001; Casagrande 2002).

Outro ponto é a possibilidade de variação do modo subjuntivo com o modo indicativo. No exemplo abaixo, o falante empregou o verbo no presente do indicativo, *escolhe*, em um contexto em que se esperava o uso do verbo no presente do subjuntivo, *escolha*. A variação de tempo e modo não é, portanto, restrita a fenômenos translinguísticos, mas intralinguísticos também.

34. É porque a gente já falou, né? se for mulher eu escolho, se for homem ele escolhe. **ESPERO QUE** ele **ESCOLHE** um nome bonito, né? pra depois o filho não reclamar quando crescer.
(Pimpão 1999)

De modo geral, o modo indicativo refere-se a uma ação real e certa expressa pelo verbo. Por outro lado, o modo subjuntivo é o modo da probabilidade e geralmente traduz um desejo e faz referência a fatos incertos, duvidosos ou indeterminados, ocorrendo com elementos como *tomara que*, *provável que* e *talvez*, que demonstram essa conotação de exprimir que algo ocorra.

Segundo Almeida (2010: 57):

A abordagem das gramáticas tradicionais, em geral, aponta para certas restrições sobre as quais determinados padrões – quer sejam certos itens verbais, quer sejam expressões de dúvida, quer sejam certas conjunções subordinativas – figuram como exemplos de condições de uso para o modo subjuntivo. Na contramão da prescrição gramatical, dados reais de fala e de escrita explicitam a interferência do modo indicativo nos contextos apontados como obrigatórios pela normatividade, o que nos permite pressupor que os valores atitudinais de incerteza, dúvida e de suposição podem ocorrer a partir de outros componentes lexicais, mesmo sem o emprego do modo subjuntivo.

De fato, dados da sincronia e da diacronia demonstram o intercâmbio entre os modos verbais. Conforme Almeida (2010), textos antigos mostram que as construções concessivas, por exemplo, podiam aparecer ora no subjuntivo, ora no indicativo:⁵

35. Antes 'q estes Mouros daqui vão , e vòs sede certos, que hos que eu leyxey no Castello são taes , que se defenderão bem, **ainda que creio**, que hos Mouros de hos ter em pouquo , nom cessarão do combate até que ha noyte hos des-parta , e esso he o que eu mais desejo. (século XV)

⁵ Cabe observar que a variação no uso dos modos subjuntivo e indicativo é observada nas gramáticas históricas do português – veja-se, por exemplo, Said Ali (1921/2001)

36. Ora pon/ ho eu as minhas palauras na/ tua boca / salte e preega / e daquel / dya adeante **ajnda que me queira / calar de falar** de deus nom posso. (século XIV)

(Almeida 2010: 7)

Neves (2002) apresenta as correlações temporais que podem ser encontradas com o conectivo *quando*. De (37) a (42) essas correlações são com tempos do modo indicativo – note-se, porém, que em todos os casos, o verbo da OP está no pretérito.

Presente/ Presente

37. Quando *há* vítimas, a RP não *atende*.
Pretérito Perfeito / Pretérito Perfeito
38. Quando *voltou* para o quarto *deu* um pequeno grito de susto.

Pretérito imperfeito/ Pretérito imperfeito

39. Quando *nascia* um filho, o sacerdote *examinava* o livro do destino.

Pretérito perfeito/ Pretérito imperfeito

40. *Passamos* por lá quando *vínhamos*.

Pretérito imperfeito/ Pretérito perfeito

41. Poty, o velho amigo, *estava* por perto quando os jornalistas *começaram a pedir* cópias dos discursos.

Pretérito mais-que-perfeito/ Pretérito perfeito

42. Quando o carro da polícia já *desaparecera* na direção do Palácio do Catete (...) se *desgrudou* do seu vão sombrio de porta e foi andando rápido, rumo ao hotel.

(Neves 2000: 790-791)

Já o exemplo em (43) ressalta o uso de *quando* com o futuro do subjuntivo em QP. Em OP, o verbo pode vir no futuro do indicativo ou no presente. Conforme a autora, a ocorrência com o imperfeito do subjuntivo na oração temporal com sentido de futuridade é mais raro. Um exemplo está em (38).

Futuro do subjuntivo/ Presente ou futuro

43. a. Quando você *crescer dará* mais valor a tudo.
b. Quando você *tiver* a minha idade você *vai ver*.
44. Quando *chegasse* o dia, em Petrolina, eles iam ficar como envergonhados de ter engolido tanta mentira.

(Neves 2000: 792)

Os dados em (37)-(42), por um lado, e (43), por outro, indicam que, em português, existe restrição ao uso do futuro do subjuntivo na QP se o verbo da OP está flexionado no pretérito (do indicativo). Nesse sentido, o que determina a escolha do tempo/ modo verbal é o traço [+/-passado] em T de OP. Constatamos que essa restrição se mantém no espanhol, embora, nessa língua, o verbo da QP seja realizado no presente do subjuntivo.

5 Análise preliminar

Tínhamos como ponto de partida entender como as línguas românicas, especialmente o português e o espanhol, se diferenciam na formação de sentenças temporais iniciadas por *quando*. Nesse sentido, descritivamente, podemos dizer que:

- ✓ A distinção recai sobre a formação de sentenças marcadas para o traço *irrealis/futuro*.
- ✓ Enquanto o espanhol requer o presente do subjuntivo na OQ, o português, requer o futuro do subjuntivo.
- ✓ Corroborando a codificação do traço *irrealis* temos que o francês e o italiano usam também um tempo distinto, o futuro do indicativo.
- ✓ A construção associada à denotação do presente e do passado é idêntica nessas quatro línguas, ou seja, recorrem aos mesmos tempos verbais.

Uma segunda questão pretendia esclarecer as diferenças entre o uso dos tempos e modos verbais.

- ✓ No espanhol antigo, existia o uso do futuro do subjuntivo, que caiu em desuso na língua, sendo substituído pelo presente do subjuntivo (Reis 2002).
- ✓ O uso do futuro do indicativo no francês e no italiano pode ser explicado pelo fato de que a função do futuro do subjuntivo no português de hoje era exercida pelo próprio futuro indicativo no Latim. Ou seja, o francês e o italiano seguem o padrão do Latim (Reis 2008).
- ✓ No espanhol antigo, o futuro do subjuntivo podia ser substituído pelo futuro do indicativo, o que reforça essa hipótese:

45. Quando los gallos **cantarán**.
[When the cocks will crow]

(Reis 2008 apud Fleishmann 1982: 138)

- ✓ O modo subjuntivo e as possibilidades de variação com o modo indicativo é ponto em comum entre as línguas românicas e ocorrem não apenas no ambiente de sentenças temporais, mas também em orações concessivas e completivas.
- ✓ O futuro se expressa com os verbos no futuro do indicativo e com o presente e o futuro do subjuntivo na OQ.
- ✓ A posição aparentemente livre da oração adverbial temporal (OQ) em relação à principal (OP) está sujeita, na verdade, a fatores relacionados à codificação das categorias de modo e tempo, que podem gerar agramaticalidade à sentença ou diferença de interpretação.
- ✓ Línguas românicas e a construção de sentenças temporais iniciadas por *quando* compõem dois grupos. De um lado temos o português e espanhol, em que o traço de Modo no núcleo C é ativado. Por outro lado, temos o francês e o italiano, em que há o traço de Tempo no núcleo T é ativado.

6 Considerações finais

Neste estudo, apresentamos questões morfossintáticas envolvendo o comportamento de orações iniciadas pelo conectivo *quando* no português e no espanhol. O objetivo principal foi o de discutir a variação no uso dos tempos e modos verbais na formação de sentenças temporais. Partimos da constatação de que as línguas apresentam formas verbais distintas para expressar a oração temporal (OQ): enquanto o espanhol requer o presente do subjuntivo, o português, faz uso do futuro do subjuntivo. Vimos

também que o francês e o italiano, recorrem ao futuro do indicativo. Além disso, trouxemos características das sentenças de *quando* em termos da posição que ocupam na sentença, assim como sua tipologia, ficando evidente o papel do traço [+/-passado] na manifestação de alguns contrastes tipológicos.

A construção das OQ associadas à denotação do tempo presente e passado é idêntica nas quatro línguas, ou seja, as línguas recorrem aos mesmos tempos verbais. A distinção recai sobre a formação de sentenças no futuro. Tal cenário também nos levou a considerar a questão do uso dos tempos verbais nas línguas e da variação do modo verbal em outros contextos sintáticos. Em nossa análise – de caráter preliminar – postulamos a existência de um contraste paramétrico entre as línguas em relação ao tipo de traço formal ativado na formação das sentenças com OQ: enquanto o português e o espanhol ativam o traço *irrealis* no núcleo funcional C, o francês e o italiano licenciam o traço de tempo [+/-passado] em T.

6. Referências Bibliográficas

Almeida, Erica de Sousa. 2010. *Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ/FL/Departamento de Letras Vernáculas – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Bezerra, Walkyria Scio; Bezerra, Fernanda Aparecida Raposo Meireles. Um estudo sobre construções condicionais no português do Brasil. 2009. In: Miranda, Neusa Salim; Salomão, Maria Margarida Martins (org.). *Construções do Português do Brasil: Da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Brito, Ana Maria; Azeredo, José Carlos; Oliveira Neto, Godofredo de. 2010. *Gramática Comparativa Houaiss: quatro línguas românicas*. São Paulo: Publifolha.

Brucart, José María. 1999. La Estructura del Sintagma Nominal: Las Oraciones de Relativo, in Ignacio Bosque e Violeta Demonte (dir.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Espasa, p. 395-522.

Casagrande, Flávia Figueiredo de Paula. 2006. *O infinitivo pessoal no português brasileiro: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina.

Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Netherlands: Foris Publications.

_____. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

_____. 1998. *Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas*. Editora da Universidade de Brasília.

Declerck, Reenart. 1997. *When-Clauses and Temporal Structure*. Routledge studies in Germanic linguistics, London.

Fleischman, Suzanne. 1982. *The Future in thought and language - Diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kayne, Richard S. 2005. Some Notes on Comparative Syntax, with Special Reference to English and French. In: Guglielmo Cinque and Richard S. Kayne (Eds). *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press.

Lobo, Maria. 2003. Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.

Móia, Telmo. 2001. *Aspectos sintático-semânticos das orações relativas com 'como' e 'quando'*. 2001. In: Encontro nacional da associação portuguesa de linguística, XVI. Lisboa. Anais. Lisboa: APL, p. 349-361.

Neves, Maria Helena de Moura. 2000. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora Unesp.

Oliveira, Jaciara Ornélia Nogueira de. 2001. O infinitivo latino face ao infinitivo português: aspectos evolutivos. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 7, v. 19.

Pimpão, Tatiana Schwochow. 1999. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo pragmática*. Florianópolis: UFSC.

Reis, Marta A. Oliveira Balbino. 2002. O futuro do subjuntivo do português e do espanhol: descrição, confronto, interferência e fossilização. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina.

Reis, Diana Liz. 2008. *Variação no futuro do subjuntivo: um estudo sociofuncionalista*. Anais do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Porto Alegre.

Roberts, Ian; Roussou, Anna. 2003. *Syntactic Change: a minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge Studies in Linguistics 100. Cambridge University Press.

Said Ali, M. 1921/2001. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília / São Paulo: Melhoramentos.

Torrego, Leonardo Gomez. 2011. Gramática didáctica del español. Ediciones SM, Madrid.